

Meu caro Ulysses Brandão.

Quando ha dois nos encontramos no Salão da directoria da Faculdade — estando V. em andavel palestra com varios dos meus collegas, professores daquelle Escola — ao fallar-se de Ruy Barbosa, que sei merecer-lhe o culto sincero e fervoroso dos crentes verdadeiros, tive a oportunidade de referir um facto que se relaciona com a passagem do grande homem por esta nossa cidade.

Será coisa de importancia minima para outros qualquer, que não viva pela memoria da gloria brasileiro a admiração sem limites que o digno collega lhe consagra.

Para quem ama e admira a Ruy, como V. o ama e admira, não ha episodios sem valor, nem particularidades sem significação. Porque tel nome

possua a virtude magica de projectar sobre as
coisas mais triviaes, o esplendor e a elevação, que
foram attributos daquelle intelligencia suprema.

Como V. me manifestou o desejo de que eu expressasse
por escripto o que lhe narrei em conversa, obri-
go-me a escrever estas poucas linhas, com o proposito
unico de lhe ser agradavel.

Ahi va, pois, a repetição do que lhe disse
na Faculdade.

Recordo-me ainda perfeitamente de que, estando
a cursar a Faculdade em 1890, estive hospedado
no antigo Hotel D. Maria, que dava para o Largo
do Arsenal de Marinha. Esse hotel, muito frequentado
por gente do commercio, já não existe.

Alli fiz conhecimento com um cavalheiro pertencente
a uma familia inglesa, que residia numa chácara

para o lado de Santo Amaro. Era o senhor Purcell, proprietario de uma lithographia situada na Rua Marquês de Olinda, que já desapareceu, demolida para abrir espaço à avenida do mesmo nome. Quanto à lithographia, não sei que destino teve.

O senhor Purcell era no hotel meu vizinho de mesa. D'elle ouvi varias referencias aos primeiros annos da vida academica do então ministro da fazenda do governo provisório da Republica.

Affirmou-me aquelle cavalheiro que havia sido em casa de seu pai, o velho Purcell, que Ruy Barbosa residia durante o tempo em que ^{curso} o primeiro ou o segundo anno da nova Faculdade. E, a proposito, acrescentava que o joven Ruy poucas palavras trocava com elle, embora fossem da mesma idade.

Sempre esquivo e taciturno, ás voltas com os livros, quasi que só fallava com as pessoas da casa por occasião das refeições. Quando não andava pela Academia, frequentando as aulas, e' porque estava em seu quarto, estudando. Raramente sahia a passeio. Ruy fallava perfeitamente o inglez, e era nessa lingua que se communicava com as pessoas da familia Percell.

E foi tudo o que ouvi de uma pessoa a quem conheci por muito acato, e com quem nunca mais me encontrei depois.

O senhor Percell, sei que já e' fallecido. Ignoro se existe no Recife algum parente d'elle. Mas o digno amigo, que conta a fortuna de privar com a familia do grande Ruy Barbosa, de quem foi durante largos annos comproucheiro de advocacia

e de jornalismo, muito bem poderá esclarecer este ponto. E certamente alcançará notícia mais circunstanciada acerca da estada do egregio patricio nesta cidade, a que elle dedicou uma das suas mais fulgurantes paginas de eloquencia, naquelles Hymnos ao Recife, que fez publicar, se me não falha a memoria, na A Provincia, quando regressou de Londres, onde estivera exilado, em 1894 ou 1895.

Desculpe-me o amigo se lhe não offereço elemento de maior valia a respeito da passagem por terra pernambucana, do seu idolatrado amigo e mestre, que será tambem, indiscutivelmente, o mestre dos mestres para todos nós, que professamos a nobre sciencia do Direito.

Sempre o seu amigo e collega admirador,
Octavio Tarany.